

ARTIGOS

A BHAGAVAD-GÎTÂ (IV).

(Conclusão).

JORGE BERTOLASO STELLA

Do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

CAPÍTULO XII.

Arjuna disse:

1. — Dos devotos que assim inabaláveis te adoram e daqueles que adoram o imperecível e o imanifesto, qual tem o melhor conhecimento do Yoga?

O Bem-aventurado Senhor disse:

2. — Aquêles que fixam a mente em mim, perfeitamente unidos me adoram com fé suprema são considerados por mim os mais devotos.

Upâsana é adoração, é a meditação contínua.

3. — Mas aquêles que adoram o imperecível, o indefinível, o imanifesto, o onipotente, o inseparável, o imutável, o imóvel, o constante.

4. — Restringindo a multidão dos sentidos, observando tudo igualmente, êles contudo me obtêm, regozijando-se com o bem de tôdas as criaturas.

5. — Maior é a dificuldade daqueles que têm a mente fixa no incognoscível, porque um alvo incognoscível è difficilmente obtido pelos incorpóreos.

6. — Mas aquêles que repousam tôdas as ações em mim, concentrados em mim, adoram, meditando em mim, com uma consagração inabalável.

7. — Dêles eu sou o salvador que os tiro sem tardar do Oceano da existência mortal, ó filho de Pârtha, porque fixam em mim o seu pensamento.

8. — Colocada pois a mente em mim, a razão posta em mim, habitarás em mim no futuro, disto não há dúvida.

9. — Porém se não podes fixar em mim a mente, com prática da concentração procura obter-me, ó conquistador das riquezas.

10. — Caso sejas incapaz de me obter pelo esforço, sê aquêle cujo alvo supremo é o meu serviço, mesmo praticando as obras por amor de mim alcançarás a perfeição.

Matkarma interpreta-se por: serviço do Senhor, *pûjâ* ou culto no sentido restrito, oferenda de flôres, de frutos ou de incenso, edificação de templo, o estudo das escrituras.

11. — Se és também incapaz de agir assim, em te unir em yoga comigo, então renuncia o fruto dos atos e tem a tua alma em domínio.

12. — O conhecimento é superior à prática, a meditação é superior ao conhecimento, a renúncia ao fruto da ação é superior à meditação, desta renúncia vem imediatamente a paz.

“Prática” subentende a concentração.

Çrîdhara interpreta *jñâna* por: *âveça* — esforço do espírito dirigido para Deus e *dhyâna* por: cheio de Deus.

Sûrya Gîta: “A devoção é superior ao conhecimento e a ação sem desejo é superior à devoção. Aquêle que compreende êste princípio do Vedânta deve ser considerado como o melhor yogin”.

13. — Sem ódio à criatura alguma, amigo e compassivo, sem egoísmo e sentimento do eu mesmo, igual à infelicidade como à felicidade, paciente.

14. — Contente, sempre unido, senhor de si, inabalável na determinação, a mente e a inteligência entregues a mim, êle é um devoto querido a mim.

15. — Aquêle que não turba o mundo, nem o mundo o turba, livre da alegria, da cólera, do temor, da agitação, êste me é caro.

16. — Sem olhar cousa alguma, puro e reto, indiferente e libertado da dor, que abandona tôda a iniciativa, êste devoto me é caro.

17. — Aquêle que não tem alegria, nem ódio, nem lamentação, nem desejo, abandonando o bem e o mal, que é devoto, êste me é caro.

18. — Indiferente ao amigo e ao inimigo, tanto na fama como na ignomínia, no frio e também no calor, igual na felicidade e na infelicidade, livre do apêgo.

19. — Igual no elogio e na censura, silencioso, constante com qualquer cousa, sem moradia, firme na mente e devoto, êste homem me é caro.

20. — Mas aquêles que seguem esta lei imortal, como foi declarado, que têm fé, tendo-me como fim supremo, devotos, êsses me são sumamente caros.

Nas Upanishadas da sagrada Bhagavad-Gîtâ, ciência de Brahma, tratado de Yoga, diálogo entre Çrî-Krsna e Arjuna, assim é o décimo segundo capítulo, chamado:

O Yoga da devoção.

* * *

*

CAPÍTULO XIII.

Arjuna disse:

A matéria e o espírito, o campo e o conhecedor do campo, o conhecimento e o objeto do conhecimento, é aquilo que almejo saber, ó filho de Kuntí.

Este verso não se encontra em certas edições. Se êle fôsse incluído na *Bhagavad-Gîtâ*, o número total de versos ou çloka seria 701 e não 700, que é o número tradicionalmente aceito. O texto crítico não traz este çloka.

No MS (D) da Biblioteca Real de Paris e nos dois MSS de Londres, na Edição de Calcutá do Mahâbhârata e em outros três MSS, se encontra o verso no princípio do capítulo. Parece que é uma interpolação posterior (64).

Prakrti é natureza, matéria.

O Bem-aventurado Senhor disse:

1. — Este corpo, ó filho de Kuntí, é chamado o campo, aquêle que o conhece é também chamado pelos sábios o conhecedor do campo.

Ksetra — campo, o corpo, isto é, a ação do espírito, *Ksetrajña* — que conhece o campo.

2. — Sabe que sou conhecedor do campo em todos os campos, é filho de Bharata, o conhecimento do campo e o seu conhecedor é o que chamo de verdadeiro conhecimento.

3. — Este campo, que é êle e de que natureza, quais as suas manifestações e de onde deriva e o que é êle e quais os seus poderes: ouve isto brevemente de mim.

4. — Os sábios, cada um, de muitas maneiras têm contado isto, em hinos variados, com palavras dos aforismos de Brahma, bem preciosos e definidos.

A *Gîtâ* sugere que sejam expostas as verdades já contidas nos Vedas, Upanishadas e Brahmasûtra, mais tarde sistematizado por Bâdarâyana. Os hinos védicos são chamados *cchandâs* ou cânticos rítmicos.

5. — Os grandes elementos, o sentimento do eu, a inteligência e também o indeterminado, os dez sentidos e a mente e os cinco objetos dos sentidos.

A *mente* é o sentido interno (o décimo primeiro).

6. — O desejo, o ódio, a felicidade, a infelicidade, o organismo, a consciência, a perseverança, é brevemente com modificações o que se chama campo.

7. — Ser sem orgulho, sem hipocrisia, sem desejo de matar, ter paciência, retidão, honrar o mestre, praticar a pureza, a constância, controlar-se.

8. — Indiferença aos objetos dos sentidos e também não ter egoísmo, a percepção do mal do nascimento e da morte, da velhice, da doença, da dor.

9. — Sem apêgo, sem afeição aos filhos, à espôsa, à casa, com a mente sempre igual nos acontecimentos desejáveis e indesejáveis.

10. — Amar-me com uma união sem igual, fiel e freqüentar os lugares isolados, aborrecer o convívio dos homens.

11. — Ocupar-se sem cessar do conhecimento de si mesmo, contemplar a meta do verdadeiro conhecimento, isto é chamado conhecimento, o resto é ignorância.

12. — Que tem êle a conhecer? Dir-t'ò-ei. Quem conhece obtém a imortalidade, o supremo Brahman não tem começo, diz-se que êle não é nem o ser, nem o não ser.

Anâdimat param: sem origem suprema (Çamkara); *anâdi matparam*: sem origem, regido por mim (Râmânuja).

13. Êle tem por tôda a parte mãos, pés, por tôda a parte olhos, cabeças, faces, por tôda a parte orelhas, êle habita no mundo envolvendo tudo.

14. — Êle tem na aparência todos os órgãos e modos, é desprovido de todos os sentidos, não está prêsso e suporta tudo, livre de qualidades, porém unido a qualidades.

15. — Está fora e dentro dos seres, imóvel e também móvel, sutil para ser compreendido, êle está longe e está perto.

16. — Indiviso e contudo êle existe como que dividido nos seres, precisa ser conhecido como sustentador dos seres, êle os destrói e os cria.

17. — Das luzes é a luz, é chamado além das trevas, é o conhecimento, é o que deve ser conhecido, a meta do conhecimento, reside no coração de todos.

A luz reside no coração de todos os seres.

18. — Assim te falei brevemente do campo, do conhecimento, do que é necessário conhecer, o meu devoto que sabe isto chega a ser da minha essência.

19. — Sabe pois que a matéria e o espírito ambos não têm princípio, sabe que os modos e as manifestações nascem da matéria.

20. — Se há efeitos, causas, agentes, a origem está na matéria, se os prazeres e as dores são gozadas, a origem está no espírito.

21. — O espírito que está na matéria sente os modos que nascem da matéria, a causa está em que se prendem aos modos, quando nascem das matérias boas ou más.

22. — O espírito supremo no corpo é chamado a testemunha, o arbítrio, o sustentador, o sujeito da experiência, o poderoso Senhor e o Eu Supremo.

23. — Quem conhece assim o espírito e a matéria com as qualidades, de qualquer forma que ele viva, na verdade não mais renasce.

24. — Alguns pela meditação vêm o Eu mesmos em si mesmo por si mesmos, outros pelo Sâmkhaya Yoga e outros pelo Yoga das ações.

Sâmkhaya aqui designa *jñâna* — conhecimento. Também se traduz: “Alguns pelo Sâmkhaya, pelo Yoga”; outros: “pela união da ação” e outros ainda traduzem por “Karma Yoga”, outro por *Sâmkhaya-na-yogena* por “disciplina da ação”.

25. — Outros não conhecendo isto, tendo-o ouvido de outros, o adoram e eles também superam a morte devotados àquilo que ouviram.

26. — Sabe, ó touro dos Bharatas, que tôdas as vezes que nasce algum ser animado e inanimado, houve união do campo e do conhecedor do campo.

27. — Aquêlê que vê o Ser Supremo igualmente presente em todos os seres, Imperecível quando eles perecem, êsse vê.

Nêste verso assegura-se que Deus vive e continua a ser quando o universo cessar de existir.

28. — Pois aquêlê que vê o Supremo igualmente presente em tôda a parte não destrói a si mesmo por si mesmo, mas passa ao alvo supremo.

29. — Aquêlê que vê que tôdas as ações são produzidas somente da matéria e que o seu eu não age, êsse vê.

30. — Quando êle vê a diversidade dos seres entrar na unidade e que dêle se irradia, êle se chega plenamente a Brahman.

31. — Não tem princípio nem qualidade o Ser Supremo, Imperecível, êle reside no corpo, ó filho de Kuntî, não age e também não se mancha.

32. — Como o ser que penetra tudo pela sua sutileza não é manchado, assim o eu presente em cada corpo não é manchado.

33. — Como um único sol ilumina todo este mundo, assim o senhor do Campo ilumina o campo todo, ó filho de Bharata.

34. — Aquêles que percebem pelo ôlho da ciência a distinção entre o campo e o conhecedor do campo e também a libertação dos sêres da matéria, êles vão ao Supremo.

Bhûtaprakrti: a natureza material dos sêres.

Nas Upanishadas da sagrada Bhagavad-Gitâ, ciência de Brahma, tratado do Yoga, diálogo entre Çri-Krsna e Arjuna, assim é o décimo terceiro capítulo, chamado:

O Yoga da distinção entre o campo e o conhecedor do campo.

* *

*

CAPÍTULO XIV.

O Bem-aventurado Senhor disse:

1. — Descrever-te-ei ainda o mais alto conhecimento, dos conhecimentos o melhor; todos os ascetas que o conhecem vão daqui para a felicidade suprema.

2. — Procurado refúgio nesta sabedoria, tornando-se semelhante a mim, êles não renascem mais com a criação e nem são destruídos na dissolução.

Isto não é *svarûpatâ*, a identidade, mas somente *samânadharmatâ* — semelhança quantitativa. O indivíduo se une em essência com aquilo que êle procura. Êle chega a *sâdçyamukti*. Êle percebe o divino na sua consciência e na sua vida interior. “Sê então perfeito como vosso Pai que está no céu”. (65). Çamkara pensa diferentemente. Para êle *sâdharmya* significa identidade de natureza e não igualdade de atributos.

3. — O grande Brahman é a minha matriz, nêle eu coloco o germe e é de lá que nascem todos os sêres, ó filho de Bharata.

Brahman é sinônimo de natureza (*prakrti*).

4. — As formas que nascem em tôdas as matrizes ó filho de Kuntí, têm o grande Brahman como matriz, eu sou o pai gerador.

Prakrti é a mãe e Deus é o pai de tôdas as formas vivas.

5. — Bondade, energia, trevas, são os elementos nascidos da natureza, estão prêsas ao corpo, ó dos grandes braços, indestrutível, incorporável.

Sattva é pureza e luminosidade perfeita, *rajas* é impureza que conduz à atividade e *tamas* é obscuridade e inércia. Como a aplicação de *Gîtâ* é moral, deve-se traduzir *sattva* por bondade, *rajas* por paixão e *tamas* por torpor.

A trindade cósmica reflete a predominância de um e de outro modo: *sattva* em Visnu, o conservador, *rajas* em Brahmâ, o criador e *tamas* em Çiva, o destruidor. *Sattva* contribui para a estabilidade do universo, *rajas* para a sua atividade criativa e *tamas* representa a tendência à decrepitude e à morte. Eles são responsáveis para manter a origem e a dissolução do mundo.

6. — Dentre elas a bondade, sendo pura, causa a iluminação e a saúde, ela prende pela adesão à felicidade e pela adesão ao conhecimento, ó impecável.

O conhecimento aqui significa o conhecimento inferior, intelectual.

7. — Sabe que a paixão é a sede do desejo, tem a sua fonte na cobiça e no apêgo, ela prende o incorporado, ó filho de kuntî, pelo apêgo à ação.

8. — Sabe que o torpor nasce da ignorância e extravía todos os seres corporais, êle prende pela negligência, pela indolência, pelo sono, ó filho de Bharata.

9. — A bondade triunfa na felicidade, a paixão na ação, ó filho de Bharata, porém as trevas obscurecem o conhecimento, triunfam na negligência.

10. — A bondade predomina, subjugando a paixão e o torpor, ó filho de Bharata, a paixão predomina, subjugando a bondade e o torpor, o torpor predomina subjugando a bondade e a paixão.

11. — Quando a luz do conhecimento irradia por tôdas as partes dêste corpo, sabe, então, que a bondade é predominante.

sarvadvâresu dehesmin — tôdas as portas do corpo.

12. — Cobiça, atividade, iniciativa, ação, avidez, aparecem quando a paixão domina, ó touro dos Bharatas.

13. — Ausência de luz e de atividade, negligência e também desvario, aparecem se as trevas estão em atividade, ó jóia dos Kurus.

14. — Se a bondade está em atividade quando o elemento corpóreo se dissolve, êle então atinge os mundos imaculados do mais alto saber.

15. — Se êle morre na paixão renasce nos liames do alto, da mesma forma se morre nas trevas renasce em matriz desvairada.

16. — O fruto da boa ação é chamado puro e verdadeiro, o fruto da paixão é a desgraça, o fruto da obscuridade é a ignorância.

17. — Da bondade nasce o conhecimento e da paixão a ambição; das trevas nascem a negligência e o erro e também a ignorância.

Tais são os efeitos psicológicos dos três modos.

18. — Aquêles que residem na bondade passam para o alto, os da paixão se conservam no meio, os que se acham nos elementos inferiores vão para baixo.

19. — Quando o observador não vê outro agente fora dos elementos e conhece além dos elementos, êle passa à minha natureza.

20. — O corporável que subjuga êstes três elementos nascidos do corpo, livre do nascimento, morte, velhice e dor, alcança a imortalidade.

Arjuna disse:

21. — Que sinais, Senhor, caracterizam aquêles que passou além dos três elementos, qual a sua conduta, como ultrapassou êstes três elementos?

O Bem-aventurado Senhor disse:

22. — Ó filho de Pându, aquêles que não odeia a luz, nem a atividade, nem o desvario, quando se manifestam, nem os desejos quando cessam.

23. — Aquêles que sentado, não se deixa levar pelos elementos da matéria, mas indiferente pensa assim: "são os elementos da matéria", está firme, não vacila.

24. — Aquêles que é igual na dor e no prazer, senhor de si mesmo, e vê com o mesmo olhar o torrão de terra, a pedra e o ouro; que é indiferente ao que agrada e desagradar, que é constante, igual no desprezo e no louvor de si mesmo.

25. — Aquêles que é o mesmo na honra e na desonra, o mesmo para com o amigo e inimigo, que abandonou tôda a empresa, êsse, se diz, superou os elementos da matéria.

26. — Aquêles que pelo yoga da devoção me adora sem infidelidade, êle ultrapassou êstes elementos, está apto a tornar-se Brahman.

27. — Eu sou a base de Brahman, o imortal, o imperecível, da lei eterna e da absoluta felicidade.

Várias são as interpretações dadas a Brahman pelos exegetas, no sentir de Radhakrishnan, Çankara explica que o Senhor Supremo é Brahman neste sentido de que êle é a manifestação de Brahman. Dá êle outra explicação dizendo que Brahman é o Senhor pessoal. Nîlakantha interpreta Brahman por: o Veda. Râmânua vê em Brahman a alma emancipada e Madhva a Maya. Para Madhusûdana Brahman designa o Senhor pessoal. Krsna se identifica com o Brahman absoluto, incondicional.

Nas Upanishadas da Sagrada Bhagavad-Gîtâ, ciência de Brahma, tratado do Yoga, diálogo entre Çrí-Krsna e Arjuna, assim é o décimo quarto capítulo chamado:

O Yoga da distinção das três qualidades.

* * *

*

CAPÍTULO XV.

O Bem-aventurado Senhor disse:

1. — As raízes para cima, os ramos para baixo, se diz, é a *açvattha* imperecível; suas fôlhas são os hinos, aquêle que conhece, êsse conhece o Veda.

Açvattha — figueira eterna, árvore pipal.

A *açvattha* simboliza o espírito universal que, no mundo das cousas (o céu), tira o seu ser (as raízes), e daquele que há de vir a ser (a terra) as suas formas. A palavra *açvattha* só se encontra neste verso e no cap. X: 26.

2. — Em baixo e em cima os ramos se desenvolvem, fortificados pelos modos e brotam como ramos os objetos dos sentidos; em baixo as raízes se ramificam em união com ações no mundo dos homens.

Çamkara explica que as raízes dirigidas para baixo são a raiz secundária, *vâsanâs*, efeitos dos atos passados que a alma traz consigo.

3. — Sua forma não pode então ser percebida aqui, nem seu fim, nem seu princípio, nem sua base, só cortando esta *açvattha* das raízes crescidas com o machado poderoso do desapêgo.

4. — É necessário então procurar o lugar no qual aquêles que vão não voltam mais, dizendo: "Procuro refúgio no Ser primordial de que provém o curso antigo do mundo".

5. — Aquêles que livres do orgulho e desilusão, venceram o mal do apêgo, constantes em sua própria alma, seus desejos desaparecem, livres da duplicidade do prazer e da dor e livres da ilusão, vão a êsse lugar eterno .

Nos versos 4 e 5 encontra-se uma interessante semelhança com a Jerusalém Celestial (65a).

6. — Nem sol, nem lua, nem fogo ilumina o lugar em que aquêles que vão não voltam, essa é a minha morada suprema.

(65a.) — Apocalipse, 21:23.

Este verso se refere a Brahman imutável acessível às práticas ascéticas.

7. — Um fragmento do meu ser torna-se alma vivente, eterna, no mundo dos vivos, atrai a si os sentidos de que a mente é o sexto, os quais residem na natureza.

Mamaivâmçah: um fragmento de mim mesmo. Este termo não significa que o Supremo seja susceptível de divisão.

Çamkara explica que o eu é um fragmento do Supremo da mesma maneira que o espaço num vaso ou numa casa é uma porção do espaço universal.

Para Râmânuja é um fragmento (*amça*) de Deus. Ela se torna uma alma individual, substancial no mundo e submete-se a escravidão em aceitar o serviço dos objetos dos sentidos. Este termo *amça* só se encontra aqui.

8. — Quando toma um corpo, quando o abandona, o Senhor os leva consigo como o vento leva os perfumes da sua origem.

“Leva-os” — os cinco sentidos e a mente do *çloka* 7.

O corpo sutil acompanha a alma nas suas peregrinações através da existência cósmica.

9. — Servindo-se do ouvido, do olho, do tato, do gosto, do odor, e desse órgão interno, experimenta os objetos dos sentidos.

10. — Que ele se vá ou permaneça ou experimente em contacto com os elementos, os desvairados não vêm, mas vêm aqueles que têm o olho do conhecimento.

11. — Os yogins que se esforçam o vêem residindo em si, mas as almas imperfeitas não o conseguem mesmo esforçando-se, porque as suas mentes são obscurecidas.

12. — Sabe que a luz do sol, que ilumina o mundo inteiro e que está na lua e no fogo, esta luz é minha.

13. — Penetrando na terra, eu sustento os seres com a minha vitalidade, alimento todas as plantas, tornando-me soma, a essência da seiva.

14. — Eu sou *vaiçvânara* que habita nos corpos dos vivos e unido aos sopros expirados e aos aspirados, digiro a nutrição quádrupla.

Vaiçvânara — fogo.

As quatro espécies de alimentação são: aquela que é triturada pelos dentes, aquela que é bebida, aquela que é lambida pela língua, aquela que é engulida sem mastigar ou sugada pelos lábios.

15. — Eu resido no coração de todos, de mim procede a memória, o conhecimento e a perda da memória, eu sou aquele que deve

ser conhecido em todos os Vedas e sou o autor do Vedânta e o conhecedor dos Vedas.

16. — Há dois espíritos no mundo: o destrutível e o indestrutível, destrutível são todos os seres, o imutável é chamado o indestrutível.

17. — Há outro espírito muito elevado, que se chama o Eu supremo, o imperecível, o Senhor que penetra e sustenta os três mundos.

Paramâtmâ é o Eu Supremo, Deus na alma. A *Gîtâ* exalta a concepção do Deus pessoal que une em si a existência não temporal (*Aksara*) e o começo temporal (*Ksara*).

18. — Ora eu transcendi o perecível e sou superior ao imperecível, sou o espírito supremo de que se fala no mundo e no Veda

19. — Aquê que assim não desvairado me conhece como Espírito elevado, êsse conhece tudo e me adora com todo o seu ser, ó filho de Bharata.

O conhecimento conduz à devoção.

20. — Assim te falei ensinada por mim esta doutrina muito secreta, ó imperecível, conhecê-la é ser sábio, é ter cumprido a sua obra, ó filho de Bharata.

Nas Upanishadas da sagrada Bhagavad-Gîtâ, ciência de Brahma, tratado do Yoga, diálogo entre Çrî-Krsna e Arjuna, assim é o décimo quinto capítulo chamado:

O Yoga da aquisição do Espírito Supremo.

* *

*

CAPÍTULO XVI.

O Bem-aventurado Senhor disse:

1. — Destemor, pureza de espírito, firmeza no conhecimento, concentração, liberalidade, contrôle e sacrifício, estudo das Escrituras, austeridade, retidão.

2. — Não violência, verdade, ausência de cólera, renúncia, paz, ausência de calúnia, compaixão pelos seres, ausência de ganância, doçura, modéstia, ausência de agitação.

“Não violência” *ahimsá* a palavra deriva da raiz *han* ferir, matar, causar dano. O desiderativo sincopado de *han* é *hims*, isto é, desejar de causar dano, daí o substantivo *himsá* desejo de causar

dano e finalmente mediante o *a* inicial privativo *ahimsâ* — ausência de desejo de causar dano.

3. — Energia, paciência, firmeza, pureza, ausência de malícia, ausência de arrogância, são as qualidades daquele que nasce com a natureza divina, ó filho de Bharata.

O instrutor expõe os traços distintivos daqueles que procuram a perfeição divina. Muitos seres participam de duas naturezas, uma boa e outra má. O Mahâbhârata diz: “Nada há totalmente bom ou totalmente mau.

4. — Hipocrisia, insolência, susceptibilidade, cólera, brutalidade, e a ignorância, são as qualidades, ó filho de Pârtha, daquele que nasce com a natureza demoníaca.

Âsura — demoníaca.

5. — A qualidade divina, se diz, conduz à libertação e a demoníaca à escravidão, não te entristeças, ó filho de Pându, nasceste com a qualidade divina.

6. — Há duas criações dos seres no mundo: a divina e a demoníaca, expus minuciosamente a divina, ó filho de Pârtha, a demoníaca vais ouvi-la de mim.

7. — As criaturas demoníacas não conhecem o agir, nem o deixar de agir, elas não têm nem pureza, nem boa conduta, nem veracidade.

8. — O mundo, dizem, é irreal, sem base e sem Deus, êle não é regido por uma causa regular, mas causada por desejo sòmente.

Apratistham — sem base moral. E’ a opinião dos materialistas.

E’ a opinião dos *Lokâyatikas* que a paixão sexual é a causa única de todos os seres vivos, Çamkara.

9. — Presos a esta concepção, almas perdidas, de traca inteligência, cruéis nas suas ações, nascem inimigas para a perdição do mundo.

10. — Entregam-se ao desejo insaciável, hipócritas, orgulhosos, arrogantes, tomados de paixões falsas, devido à confusão, agem com impuras decisões.

No *Brhaspati Sutra* se diz que *kâma*, desejo, é o fim supremo do homem.

11. — Assediados por inquietações sem limites cujo fim é a morte, fazem o gôzo do desejo seu alto escopo, convencidos de que isto é tudo.

E' a doutrina materialista que nos convida a comer, beber e ser alegre, porque a morte é certa e nada existe além (66).

12. — Presos por centenas de vínculos de desejo, entregues à cobiça, à cólera, aspiram acumular tesouros de riquezas por meio injusto para satisfação do desejo.

13. — Hoje isto foi obtido por mim, êste desejo satisfarei, isto é meu, e esta riqueza ainda será minha no futuro.

14. — Êste inimigo foi morto por mim e outro também matarei, o senhor sou eu, eu sou quem goza, tenho sucesso, eu sou forte e feliz.

15. — Sou rico e nobre, qual outro semelhante a mim? Oferecerei sacrifícios, darei dádivas, divertir-me-ei, assim direi, desvaireados pela ignorância.

16. — Transviados por vários pensamentos, presos na rêde do êrro e dados ao gôzo do prazer, caem no inferno imundo.

17. — Vaidosos de si mesmos, obstinados, cheios de orgulho e de arrogância pela riqueza, sacrificam por hipocrisia sacrifícios que são de nome, contrariando as regras.

18. — Entregues ao egoísmo, à violência, à insolência, à luxúria, à cólera, me detestam nos corpos dos outros e nos seus próprios, êstes, maldizentes.

19. — Êstes malvados, cruéis, os piores dos homens, impuros, eu os lançarei constantemente nas matrizes demoníacas dos renascimentos.

Matrizes ou ventres demoníacos são os ventres dos animais cruéis, como o tigre, serpente, etc. (67).

20. — Entrando nas matrizes demoníacas, vagueiam de nascimento em nascimento, sem me alcançar, ó filho de Kuntî, daí descem ao estado mais baixo.

21. — Tríplice é a porta dêste inferno, ruína da alma: desejo, cólera, concupiscência, por isto esta tríplice deve ser rejeitada.

22. — Libertado destas três portas das trevas, ó filho de Kuntî, o homem, feito o que é bom para a sua alma, passa à mais alta meta.

23. — Mas aquêle que rejeita a regra da lei e segue o impulso do desejo, êsse não atingirá a perfeição, nem a felicidade, nem a meta suprema.

24. — Que a lei seja a regra para decidir o que deves fazer e não fazer, sabe, pratica então o ato aqui que a lei te prescreve.

Çastra — lei, livro sagrado, Escritura.

Nas Upanishadas da Sagrada Bhagavad-Gîtâ, ciência de Brahma,

(66). — 1º Cor. 15:32.

(67). — O termo samsara, nascimento, renascimento, etc., sòmente apatece nas Upanishadas mais antigas e na Bhagavad-Gîtâ e só aparece nêsse passo.

tratado do Yoga, diálogo entre Çrî-Krsna e Arjuna, assim é o décimo sexto capítulo chamado:

O Yoga da distinção entre as qualidades divinas e demoníacas.

* *

*

CAPÍTULO XVII.

Arjuna disse:

1. — Aquêles que negligenciam as leis sagradas, mas sacrificam com fé, qual é então, ó Krsna, a sua posição, é da bondade, a da paixão das trevas?

Râmânuja pensa que aquêles que violam as *çâstras* por ignorância ou negligência, com ou sem fé, são condenados.

O Bem-aventurado Senhor disse:

2. — A fé dos encarnados é de três espécies, nascida da sua natureza, é boa, apaixonada tórpida, ouve isto:

3. — A fé é de cada ser, ó filho de Bharata, é de acôrdo com a sua natureza, o homem é da natureza da sua fé, aquilo que é a sua fé isto éle é também.

Çraddhâ: a fé, não é aceitação de uma crença, mas um esforço em demanda à religião de si mesmo, pela concentração das energias da mente sôbre um ideal dado. O homem é a sua fé.

4. — Os homens bons sacrificam aos deuses, os apaixonados aos semi-deuses e aos demônios, os outros, os tórpidos, sacrificam aos espíritos e aos fantasmas.

Yksas — semi-deuses. *Raksas* — demônios, *pretas* — espírito de um morto.

Bhutas — fantasma, alimento.

Os homens das trevas são aquêles que prestam culto aos mortos e aos espíritos.

5. — Homens que praticam austeridades violentas, não prescritas pelas leis sagradas, com arrogância e egoísmo são levadas pela força de seu desejo e paixão.

6. — Atormentam em sua insensatez os elementos agregados que formam o corpo e a mim também que estou no corpo, sabe, êles são demônios nas suas decisões.

7. — Também a nutrição, cara a todos, é de três espécies: o sacrifício, a mortificação, o dom, escuta a sua divisão.

8. — Os alimentos que aumentam a vida do ser, a fôrça, a saúde, o bem estar, a alegria, que são suculentos, saborosos, gordos, firmes, e deliciosos, são caros aos bons.

9. — Amargos, ácidos, salgados, muito quentes, picantes, grosseiros, quentes: os alimentos agradam aos apaixonados, produzem sofrimentos, dor, enfermidade.

10. — Já usado, insípido, pútrido, rançoso, resto, sujo: o alimento agrada aos tórpidos.

Como o corpo é construído por meio da nutrição ingerida, a qualidade da nutrição é de importância, como se vê.

11. — O sacrifício oferecido segundo as regras por aquêles que não esperam recompensa e crêem que é o seu dever oferecê-lo, êste é bom.

12. — Porém aquêles que é oferecido com vistas à recompensa e por ostentação, sabe, ó melhor do Bharatas, êste sacrifício é apaixonado.

13. — O sacrifício que não é segundo a regra, sem distribuição de alimento, sem hinos, sem donativo e sem fé, é declarado tórpido.

14. — Honrar os deuses, os duas vêzes nascidos, os mestres e os sábios, ser puro, íntegro e contente e não fazer mal, isto se chama mortificação do corpo.

15. — A linguagem que não fere, verídica, amável, salutar e também a prática da recitação sagrada, isto se chama austeridade da palavra.

16. — A paz de espirito, a doçura, o silêncio, o domínio de si e a pureza de sentimento, isto se chama mortificação da mente.

17. — Se esta tríplex manifestação for praticada pelos homens com fé suprema, sem desejar o fruto e em estado de união, é chamada boa.

18. — Se porém é praticada com vista à honra, ao respeito, à homenagem e por ostentação, a manifestação é declarada paixão e é instável e pouco segura.

19. — A mortificação realizada com falta de compreensão, torturando-se a si mesmo ou fazendo mal a outro, é chamada tórpida.

20. — O dom que é dado àquêles de quem nada se espera com o sentimento de dever de dar, oferecendo em tempo e em lugar à pessoa digna, êsse dom é declarado bom.

Todo o dom parcial redundando em dom total de sí. As dádivas feitas aos pobres não ajudam somente os pobres, mas também os doadores. Aquêles que dá recebe.

21. — Mas o dom oferecido com vista à recompensa ou um fruto por vir e com relutância, êste é declarado paixão.

22. — O dom que é oferecido fora de tempo, de lugar à pessoa indigna, sem honra e desprezo, êste é declarado tórpido.

23. — “Om tat sat” é considerado como tríplice designação de Brahman e por ela foram criados outrora os Brahmanes, os Vedas, os sacrifícios.

Om ou *Aum* — exprime a supremacia absoluta, *tat* — universalidade, *sat* — a realidade de Brahman. Também se diz: *Om* — Ser, *tat* — Aquilo, *sat* — o Real.

24. — Ora é pronunciando sempre “Om” que os conhecedores de Brahman devem começar os atos do sacrifício, os Ions, as mortificações, prescritas na regra.

25. — “Tat” é assim a palavra dos que desejam a libertação, que sem visar ao fruto, praticam várias realizações de obras, de sacrifício, mortificação e dom.

26. — Ó filho de Pârtha, este “sat” é empregado no sentido de realidade e de bondade, também a palavra “sat” é usada no sentido de uma boa obra.

27. — A perseverança no sacrifício, na mortificação, no dom, é chamada “sat” e assim também a ação cumprida nêsse propósito é chamada “sat”.

28. — A oferenda, o dom, a mortificação, o rito executado sem fé, é chamado “asat”, ó filho de Pârtha, êle não é nada no além, nem aqui.

Nas Upanishadas da Sagrada Bhagavad-Gîtâ, ciência de Brahma, tratado do Yoga, diálogo entre Çrî-Krsna e Arjuna, assim é o décimo sétimo capítulo chamado:

O Yoga da divisão da tríplice fé.

* * *

*

CAPÍTULO XVIII.

Arjuna disse:

1. — Ó dos grandes braços, ó Hrsikeça, ó matador de Keçin, desejo saber a respeito da renúncia e do desapêgo e sua diferença.

Keçin nome de um demônio morto por Krsna.

O Bem-aventurado Senhor disse:

2. — Os inspirados entendem por renúncia o abandono das obras inspiradas pelo desejo, a renúncia ao fruto de tôdas as obras, dizem os sábios, é o desapêgo.

A *Bhagavad-Gîtâ* não ensina a renúncia completa às obras, mas a conversão de tôdas as obras em *niskâmakarma* ou ação sem desejo.

3. — A ação deve ser abandonada como um mal, dizem certos sábios, outros declaram não é preciso abandonar os atos de sacrifício, do dom e da mortificação.

4. — Ouve de mim a decisão sôbre o desapêgo, ó melhor dos Bharatas, o desapêgo, ó tigre dos homens, tem sido distinguido por três espécies.

Râmânuja analisa o abandono de três formas: 1. abandono do fruto, 2. abandono da idéia que é o agente, abandono do apêgo, 3. abandono de tôda a idéia de agência, na compreensão de que o Senhor é o autor de tôda a ação.

5. — Os atos dos sacrifícios, de dom, de mortificação, não devem ser abandonados, é mister cumprí-los, porque sacrifício, dom, mortificação, são purificações do sábio.

6. — Porém o meu pensamento supremo, certo, ó filho de Pârtha, é que também estas obras devem ser feitas, evitando-se prender aos seus frutos.

7. — Ora renunciar a ação prescrita não é justo, o abandono dela por desvario é declarado de trevas.

8. — Aquêlê que abandona a ação porque é dolorosa ou por temor do sofrimento do corpo, cumprindo assim um abandono tórvido, êsse não tem o mérito do abandono.

9. — Mas, ó Arjuna, aquêlê que cumpre um dever prescrito, porque deve ser feito, renunciando ao apêgo e ao fruto, êste abandono é considerado bondade.

10. — O sábio que renuncia, cuja duvida é dissipada, a sua natureza é boa, não tem aversão por ato desagradável, nem apêgo ao agradável.

11. — É impossível a um encarnado abster-se inteiramente das ações, mas aquêlê que abandona o fruto da ação, êste é chamado renunciador.

12. — Agradável, desagradável e misto, de três espécies é o fruto da ação, aquêles que não abandonam o possuem depois da morte, nunca porém aquêles que o renunciaram.

13. — Ó dos grandes braços, aprende de mim, êstes cinco fatores de cumprimentos de todos os atos, como são ensinados na doutrina do Sâmkhya.

Sâmkhya — aqui designa o Vedânta (Çamkara).

14. — A sede da ação, o agente, os vários órgãos e as formas diversas do esforço e o destino também em quinto lugar.

Adhistâna a sede, relaciona-se ao corpo físico.

Kartâ o agente, é segundo Çamkara, o ego fenomenal. Para Râmânuja, o agente é o eu individual, o *jivâtma*; para Madhva é Visnu, o Senhor Supremo.

Daivam, a providência, destino, fado. A providência representa o fator extra-humano que intervem no esforço humano e o controla. E' a vontade sábia e onisciente que está na obra do universo. Em tôdas as ações humanas, há um elemento inexplicável que se chama sorte ou acaso, o destino ou a fôrça acumulada pelos atos das vidas passadas. Esse elemento chama-se aqui *daiva*. A crença em *daiva*, diz ainda Radhakrisnan, não deve ser por outro lado um pretexto à passividade. O homem é um limite de transição. Ele é consciente do seu alvo. A pressão da natureza, da hereditariedade e do meio, pode ser vencida pela vontade do homem.

15. — Qualquer ação que o homem empreenda com o corpo, a linguagem, a mente, justa ou injusta, tem êstes cinco fatôres.

16. — Sendo assim, aquêle que embora privado da mente se considera como único autor das suas ações, é um louco, êle nada vê.

17. — Aquêle que não tem índole egoista, cuja mente não é manchada, mesmo que mate êstes povos, êle não mata, não é prêso.

18. — O conhecimento, o objeto do conhecimento, o conhecedor, são êstes três motores da ação, o instrumento, o ato, o agente, os três formam o conjunto da ação.

19. — O conhecimento, o ato, o agente, segundo a divisão dos modos, são devidamente chamados tríplexes na numeração dos modos, escuta êstes também.

20. — Em todos os sêres se conhece que há uma essência única, imperecível, indivisível nas divisões, sabe, esta ciência é a bondade.

21. — O conhecimento que vê a multiplicidade dos sêres em tôdas as criaturas como separados, sabe êste conhecimento é paixão.

22. — Mas aquêle que se prende a um só efeito como se fôsse o todo, sem atenção à causa, sem ligação essencial, limitado, êste é chamado tórpe.

23. — Uma ação, que é um dever, cumprida sem apêgo, sem amor, nem ódio, sem desejo para com o fruto, esta é chamada bondade.

24. — Mas a ação cumprida com grande esforço, porque procura satisfazer seus desejos ou também compelido pelo sentimento do eu, esta é chamada paixão.

25. — A ação empreendida por desvario, sem olhar para as consequências, a perda sofrida e sofrimento infligido, sem cuidado da sua própria capacidade, esta é chamada torpe.

26. — O agente livre do apêgo, sem egoismo, cheio de resolução e confiança, indiferente ao sucesso ou ao insucesso, é chamado bondade.

27. — O agente dominado pela paixão, que deseja o fruto das obras, ávido, cruel, impuro, agitado pela alegria ou dor, é chamado apaixonado.

28. — O agente sem firmeza, vulgar, obstinado, enganador, maligno, indolente, desanimado e indeciso, é chamado torpe.

29. — A divisão da razão e também da constância é tríplice segundo os elementos, ouve a explicação plena e separadamente, o conquistador das riquezas.

30. — A razão conhece o agir e o não agir, o que é necessário fazer e não fazer, o temor e o destemor, o que liga e liberta, esta é, ó filho de Pârtha, a bondade.

31. — Aquilo pelo qual se conhece inexatamente o justo e o injusto, o que convém fazer e não fazer, esta inteligência, ó filho de Pârtha, é paixão.

32. — Aquêlo que envolto em trevas toma o justo pelo injusto e tôdas as cousas de maneira perversa, esta inteligência, ó filho de Pârtha, é trevas.

33. — A constância que não vacila e que pelo yoga domina a mente, os sentidos e a vida, ela é, ó filho de Pârtha, a bondade.

34. — Porém aquela firmeza pela qual o agente se prende ao dever, ao prazer, à riqueza, ó Arjuna, obtidos os frutos, segundo a ocasião, esta constância, ó filho de Pârtha, é paixão.

35. — Aquela constância pela qual o insensato não renuncia o sono, o temor, a dor, o abatimento e a embriaguez, esta, ó filho de Pârtha, é trevas.

36. — Ora a felicidade é de três espécies, ouve pois agora de mim, ó touro dos Bharatas, e com a prática da bondade se chega ao termo do sofrimento.

37. — Este prazer que é como um veneno no comêço e como um nectar no fim, procedendo de uma inteligência clara de si, é chamado bondade.

38. — Esta bondade que nasce do contacto dos sentidos com os seus objetos, que é como um nectar no princípio e como um veneno em seguida, se chama paixão.

39. — Esta felicidade que engana a alma no comêço e no fim e que nasce do sono, da indolência e da negligência, é chamada trevas.

40. — Não há na terra ou no céu ou mesmo entre os deuses, um ser provido de três qualidades, nascidas da matéria.

41. — As obras dos Brahmanes, dos Ksatryas, dos Vaiçyas e dos Çûdras, ó afligido dos inimigos, são distintas, conforme as qualidades, nascidas da natureza.

Ksatrya — guerreiro, pertence à 2a. classe, *Vaiçya*-agricultor, à 3a. classe, *Çûdra* — servo, pertence à última classe.

42. — Tranqüillidade, domínio de si, austeridade, pureza, paciência, retidão e também ciência, conhecimento e fé religiosa, é o ato do Brahmane, nascido da sua natureza.

43. — Heroísmo, majestade, constância, habilidade, combate sem fuga, generosidade e natureza nobre, é a obra do Ksatrya, nascido da sua essência.

44. — Agricultura, guardar o gado, o comércio, é a obra do Vaiçya, nascido da sua natureza; a obra do Çûdra tem por essência servir e é nascido da sua natureza.

45. — Consagrando-se cada um ao seu próprio dever, o homem obtém a perfeição, como estando no seu dever, chega à perfeição, escuta isto.

46. — Pelo cumprimento do seu dever, adorando aquêle de quem procedem os sêres, por quem tudo isto é emanado, o homem chega à perfeição.

47. — Melhor é cumprir o seu dever destituído do mérito do que cumprir bem o dever dos outros, não se incorre em pecado quando se cumpre o dever prescrito pela própria natureza.

48. — Não se deve renunciar à ação conforme a sua natureza, ó filho de Kuntî, embora imperfeita, porque tôdas as emprêsas são envoltas pelas faltas como o fogo pelo fumo.

49. — Aquêle cuja inteligência não se prende a cousa alguma e venceu o seu eu, desaparecendo o desejo, chega, pela renúncia, à felicidade suprema que se obtém pelo livramento da obrigação.

50. — Aprende de mim sucintamente, ó filho de Kuntî, como obtendo a perfeição, êle chega a Brahman, esta culminação suprema da sabedoria.

51. — Dotado de inteligência pura, dominando-se firmemente, afastando-se do som e dos outros objetos dos sentidos, rejeitando a atração e a aversão.

52. — Morando na solidão, comendo pouco, dominando a palavra, o corpo e a mente, sempre empenhado na meditação e concentração e tornando-se definitivamente livre da paixão.

53. — Rejeitando o sentimento do eu, a fôrça, a arrogância, o desejo, a cólera, a possessão, sem ego e calma na sua mente, êle se torna digno de se unir a Brahman.

54. — Unido a Brahman, apaziguado em espírito, não lastima, nem deseja, igual para com todos os sêres, êle chega à devoção suprema a mim.

Este versículo é uma indicação nova porque para *Bhagavad-Gîtâ* o estado supremo não é mais o desaparecimento da alma individual no Absoluto, mas a devoção ao Senhor Supremo, que une em si o móvel e o imóvel. União com o Senhor, visão *beati*.

55. — Pela devoção êle me fica conhecendo tal qual e quanto sou verdadeiramente e tendo-me conhecido verdadeiramente entra imediatamente em mim.

O conhecedor, o místico, se une ao Senhor supremo, a Pessoa Perfeita, para conhecimento e experiência diretas; *jñâna*, a suprema sabedoria e a *bhakti*, a suprema devoção, têm o mesmo alvo. Tornar-se Brahman, é amar a Deus, é conhecê-lo plenamente e entrar no seu Ser.

56. — Praticando todos os atos, tomando refúgio em mim, êle chega por minha graça ao estado eterno e imperecível.

57. — Dirigindo com o pensamento tôdas as tuas acões em mim, a mim devoto, refugiando-te na devoção da mente, sê sempre com o teu pensamento em mim.

58. — Pensando em mim, por minha graça superarás tôdas as dificuldades, porém se por egoísmo não quiserdes escutar, perecerás.

Somos livres para escolher a salvação ou a perdição.

59. — Quando por egoísmo te dizes: “Não quero combater”, vã é a tua resolução, a natureza te contraria.

60. — Aquilo que pelo teu êrro não desejas fazer, ó filho de Kuntí, tu o farás, mesmo contra a tua vontade, prêso pelas teus próprios atos, nascidos da tua natureza.

61. — O Senhor habita no coração de todos os sêres, ó Arjuna, todos os sêres, como os viajores de um carro, êle os conduz pela sua magia.

62. — Vá a êle para refúgio de todo o teu ser, ó filho de Bharata, e por sua graça obterás o supremo repouso, o estado eterno.

63. — Assim te expus a sabedoria, a mais secreta de segrêdo por mim, reflete bem sôbre ela e age segundo a tua escôlha.

64. — Ouve novamente a minha suprema palavra: a mais secreta de tôdas, porque és meu bem amado e dir-te-ei o que é bom para ti:

65. — Fixa em mim a tua mente, sê meu devoto, oferece-me o teu sacrifício, prosterna-te diante de mim, assim virás a mim, minha promessa é secreta porque me és caro.

66. — Abandona todos os deveres, vem a mim e só encontrarás refúgio, não te aflijas, eu te livrarei de todos os pecácios.

67. — Isto não deve ser dito por ti àquêle que é desprovido de austeridade, a quem não tenha elevação, a quem não obedeça, nem àquêle que murmura contra mim.

68. — Aquêle que ensina êste supremo secreto aos meus devotos, virá sem dúvida alguma a mim.

69. — Entre os homens ninguém mais do que êle me causa prazer e ninguém me será mais caro do que êle na terra.

70. — Aquêle que ler êste diálogo de nós dois, sôbre a lei, êsse me sacrificará com o sacrifício da ciência, assim é a minha opinião.

71. — O homem que escuta com fé e sem zombaria, é livre, passa aos mundos felizes dos justos.

72. — Ouvistes, ó filho de Pârtha, com o espírito atento isto, e aquela perturbação que a ignorância produziu em ti, foi destruída, ó conquistador das riquezas?

Arjuna disse:

73. — Acabou a perturbação e pela tua graça adquiti a ciência, ó Acyuta, eis-me curvado, a minha dúvida foi dissipada, tarei como dissestes.

Samjaya disse:

74. — Eu ouvi êste maravilhoso diálogo de Vâsudeva e o magnânimo filho de Pârtha, que fêz os meus cabelos se arrepiarem.

75. — Por graça de Vyâsa, eu compreendi êste segredo supremo, êste yoga ensinado por Krsna mesmo, Senhor do yoga em pessoa.

76. — Ó rei, lembro-me, lembro-me dêste santo e maravilhoso diálogo de Krsna e de Arjuna e sempre experimento satisfação.

77. — Lembro-me, lembro-me da forma muito maravilhosa de Hari e grande é, ó rei, o meu deslumbramento e ainda arrepio de alegria.

78. — Onde está Krsna, o Senhor do yoga, onde está o filho de Pârtha, que traz o arco, ai está, é minha opinião, a vitória, a prosperidade e a virtude.

O ensinamento da *Bhagavad-Gîtâ* é Yoga: o seu instrutor é *iogeçvara*, o Senhor do Yoga.

Nas Upanishadas da Sagrada *Bhagavad-Gîtâ*, ciência de Brahma, tratado do Yoga, diálogo entre Çrî-Krsna e Arjuna, assim é o décimo oitavo capítulo chamado:

O Yoga da libertação pela renúncia.

Aqui termina a Upanishada da *Bhagavad-Gîtâ*.

Que todos os seres sejam felizes.